

# LÍNGUA, LINGUAGEM E FALA: UM ESTUDO DE CONCEITOS BASILARES<sup>1</sup>

Kaliandra Schio<sup>2</sup>

## RESUMO

A proposta desta pesquisa tem como objetivo principal estudar os conceitos Língua, Linguagem e Fala estabelecidos ao longo dos anos, principalmente por Ferdinand de Saussure e por Émile Benveniste. Considerando que, para a constituição da Ciência Linguística, é muito importante entender o papel e a distinção entre cada um dos conceitos citados, dedicamo-nos ao estudo teórico desses conceitos, a fim de ampliar nosso conhecimento no campo dos estudos enunciativos. Com a definição desses conceitos fundamentados pelos linguistas, a pesquisa de natureza básica assume a perspectiva de Benveniste para entender a problemática sobre como se caracterizam a Língua, a Linguagem e a Fala, tendo como referência a enunciação e sua influência nos estudos do discurso, contribuindo para reflexões e discussões acerca da importância dos estudos na análise da língua em funcionamento. O referencial teórico principal da pesquisa centra-se nas reflexões de Ferdinand de Saussure, principalmente as presentes no *Curso de Linguística Geral (2012)*, e nos *Problemas de Linguística Geral I (1991)* e *II (1989)* de Émile Benveniste. A pesquisa de cunho bibliográfico terá caráter exploratório e abordagem qualitativa, na medida em que o tema do estudo precisa ser compreendido em profundidade, para futuras análises linguísticas.

**Palavras-chave:** Émile Benveniste. Enunciação. Fala. Ferdinand de Saussure. Língua. Linguagem.

## ABSTRACT

The main aim of this research is to study the concepts of Language (*langue*), Language (*langage*) and Speech (*parole*) that have been established over the years, mainly by Ferdinand de Saussure and Émile Benveniste. Considering the constitution of Linguistic Science, it is very important to understand the role and distinction between each of the concepts mentioned, so we dedicate ourselves to the theoretical study of these concepts in order to extend our knowledge in the field of enunciative studies. Based on the definition of these concepts founded by the linguists, the basic research takes perspective on Benveniste's Enunciation Theory to understand the problem of how Language (*langue*), Language (*langage*) and Speech (*parole*) are characterized, referring to enunciation and its influence on discourse studies and contributing to reflections and discussions about the importance of studies in the analysis of language in operation. The research's main theoretical framework is centered on Ferdinand de Saussure's reflections, especially those present in the *Course in General Linguistics (2012)*, and Émile Benveniste's *Problems in General Linguistics I (1991)* and *II (1989)*. The bibliographic research will be exploratory in nature with a qualitative approach, as the subject of the study needs to be understood in depth for future linguistic analysis.

---

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão de Curso orientado pela Profa. Dra. Claudia Stumpf Toldo Oudeste, do curso de Letras - Português e Inglês, na Universidade de Passo Fundo.

<sup>2</sup> Acadêmica do curso de Letras - Português e Inglês na Universidade de Passo Fundo (E-mail: 168260@upf.br).

**Keywords:** Émile Benveniste. Enunciation. Ferdinand de Saussure. Language (*langue*). Language (*langage*). Speech (*parole*).

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A motivação desta pesquisa encontra-se no objetivo principal de estudar os conceitos de Língua, Linguagem e Fala estabelecidos principalmente pelos linguistas Ferdinand de Saussure e Émile Benveniste. A definição desses conceitos fundamentados pelos autores proporcionam entender suas relações e sua importância na constituição da linguística como uma ciência. Sendo assim, a partir dos diferentes pontos de vista dos autores, será possível responder a questão norteadora sobre como se caracterizam a língua, a linguagem e a fala, tendo como referência a enunciação e sua influência nos estudos do discurso, contribuindo para reflexões e discussões acerca da importância dos estudos na análise da língua em funcionamento.

Deste modo, o ponto de partida desta pesquisa será desenvolvido a fim de estudar a perspectiva de Ferdinand de Saussure, levando em consideração que é impossível estudar linguística sem passar pelos estudos dele. Pois, ele foi responsável por transformar a linguística de seu tempo e, com seu reconhecimento, é considerado até os dias de hoje o pai desta ciência. Então, temos com Saussure, a constituição da Ciência Linguística, reconhecida como uma linguística moderna autônoma desde o início do século XX que, desde os três Cursos de Linguística Geral ministrados por Saussure na Universidade de Genebra, foi elaborada uma nova concepção dos estudos linguísticos.

Há séculos, tem-se que as línguas eram plenos objetos de especulações sobre a história e a genética das línguas. Porém, os debates teóricos de Saussure em seu curso e, anos após sua morte, a publicação do *Curso de Linguística Geral* (CLG)(2012), por Charles Bally e Albert Sechehaye, cuja autoria é dedicada a Ferdinand de Saussure, determina-se uma nova noção de língua. Essa noção se constitui pelo fato de que a língua passa a ser estudada a partir de seus elementos formais próprios, considerando a realidade intrínseca da língua de maneira sistemática, para então, entender como funciona. Assim, temos que Ferdinand de Saussure é um linguista dos fundamentos, e a escolha de estudar e entender os conceitos de língua, linguagem e fala levando em consideração as reflexões propostas no CLG (2012), se dá por ser significativo.

Com o avanço dos estudos linguísticos partindo de Saussure, chegamos ao linguista francês Émile Benveniste, que propõe estudos linguísticos no âmbito da língua e da

linguagem que se destacam nos estudos da enunciação, principalmente nos anos de 1960 e 1970. Benveniste foi um dos linguistas fieis aos estudos de Saussure e ao longo de suas pesquisas produziu um pensamento muito singular acerca das concepções desenvolvidas na linguística enunciativa, ultrapassando ideias fundamentais nos estudos da linguagem. Por esse motivo revela-se as obras de Benveniste como um importante acontecimento na história da Ciência Linguística.

Diante disso, os estudos aqui aprofundados serão fundamentados com a teoria da linguagem de Benveniste, com o intuito de entender como os conceitos de língua, linguagem e fala estão propostos na Enunciação que, justamente, concebe o estudo do sentido do uso da língua produzido pelo sujeito falante quando fala, já que, Benveniste (1991) considera a linguagem vinculada à atividade humana e conseqüentemente à enunciação. Portanto, com os estudos dos conceitos de língua, linguagem e fala de Émile Benveniste será possível fundamentar a pesquisa na perspectiva dos estudos enunciativos, que influencia nos estudos do discurso e considera como o indivíduo e a sociedade fazem parte da enunciação e como a subjetividade da linguagem se caracteriza.

O presente estudo está organizado em três seções, sendo a primeira responsável por expor o ponto de partida da pesquisa, que se fundamenta nos estudos de Ferdinand de Saussure acerca dos conceitos de língua, linguagem e fala tendo como referencial teórico principal as reflexões do *Curso de Linguística Geral* (2012) presentes nos textos Objeto da linguística, Linguística da língua e linguística da fala e Natureza do signo linguístico. A segunda seção trata da perspectiva de Émile Benveniste considerando a definição das noções de língua, linguagem e fala nos estudos enunciativos e suas influências no discurso, seguindo o referencial teórico dos textos Prefácio, Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística, Saussure após meio século e Da subjetividade da linguagem do livro *Problemas de Linguística Geral I* (1991), e somente o texto O aparelho formal da enunciação do livro *Problemas de Linguística Geral II* (1989).

Ao final deste estudo está a última seção, que dialoga entre os pontos de vista de cada linguista, encontrando as relações de proximidade e de contradição relativas aos conceitos citados, tendo como base as reflexões de Valdir do Nascimento Flores em seu livro *Introdução à Teoria Enunciativa de Benveniste* (2013), proporcionando, assim, um entendimento sobre como a língua, a linguagem e a fala se caracterizam de acordo com as relações de proximidade e afastamento que as perspectivas dos autores apresentam. Enfim, para que os objetivos do trabalho sejam alcançados, prosseguimos neste momento em direção à primeira seção da pesquisa que explora a perspectiva saussuriana.

## 2 FERDINAND DE SAUSSURE: O TEÓRICO DE BASE

Ferdinand de Saussure, o linguista dos fundamentos e da ciência, inova com suas novas percepções sobre os estudos linguísticos de sua época. Por volta de 1907, com o início de seu Curso de linguística geral, na Universidade de Genebra, Saussure analisa com seus alunos a linguística como um campo do conhecimento, em que mais tarde, no próprio livro *Curso de Linguística Geral* (1916), obra póstuma de Saussure, vai assumir o ponto de vista da Linguística como Ciência. Desse modo, a linguística de Ferdinand de Saussure se constitui a partir de uma nova noção de língua<sup>3</sup>, que implica aos linguistas estudarem a realidade linguística atual e não misturar nenhuma especulação histórica ou genética sobre as línguas. Assim, os estudos da linguagem de Saussure se encaminham para a definição de um objeto para a linguística.

Essa noção, levantada por Saussure, surge quando passa a considerar que “é o ponto de vista que cria o objeto” (CLG, 2012, p. 39), por exemplo, ao ouvir uma representação acústica um indivíduo é capaz de pensar em um objeto linguístico concreto que pode variar do pensamento de outro indivíduo, mesmo ambos tendo o mesmo conhecimento linguístico acerca do objeto. Então, Saussure considera que a linguagem cabe em vários pontos de vista, sendo eles o antropológico, o físico, o fisiológico, o psicológico, o filológico, o normativo, etc. Porém, Saussure afirma que não se pode estudar a linguagem sobre vários aspectos, pois desse modo o objeto da linguística seria um “aglomerado confuso” (CLG, 2012, p. 40). Portanto, cumpre entender que, Saussure - no CLG (2012) - defende que a linguagem é sempre definida implicando uma dualidade, pois o fenômeno linguístico apresenta duas faces correspondentes sem que uma exista sem a outra, ou seja, a linguagem possui tanto um lado individual, quanto um lado social, sem que um seja concebido sem o outro.

Entre tantas possíveis dualidades, a língua é a única suscetível de uma definição autônoma capaz de ser o lado social da linguagem. Em Saussure, a língua é somente uma parte determinada e essencial da faculdade da linguagem, sendo um conjunto de convenções necessárias que é “adotada pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” (CLG, 2012, p 41). Assim, segundo o *Curso de Linguística Geral* (2012, p. 41) a língua se caracteriza como “um todo por si e um princípio de classificação”, por isso, ela

---

<sup>3</sup> Há séculos a linguística assumia fases de estudo nas quais envolviam a língua como objeto de especulações filosóficas, históricas e genéticas. Até Saussure (CLG) apresentar uma noção de língua diferente do que se tinha, considerando a língua segundo seu funcionamento e estrutura e, doravante a isso, estudar sua organização enquanto sistema.

passa a ser vista como um sistema, composta de elementos formais articulados em diversas combinações seguindo uma estrutura, sendo essencial nos fatos da linguagem.

A linguagem, entretanto, não permite classificação entre os fatos humanos (CLG, 2012), ela não é somente um fato, ela é de cada um, pertence ao humano. A linguagem é considerada por Saussure como multiforme e heteróclita, ou seja, constituída por elementos variados. Ela é uma faculdade que é inata aos humanos, cujo exercício depende da língua. Assim, “a faculdade [...] de articular palavras não se exerce senão com a ajuda de um instrumento criado e fornecido pela coletividade” (CLG, 2012, p. 42), por isso, “é a língua que faz a unidade da linguagem” (CLG, 2012, p. 42) e, ela é o instrumento coletivo que permite que a linguagem se manifeste nos humanos.

Nesse sentido, é necessário entender como a língua delimitada no conjunto dos fatos da linguagem se caracteriza. Partindo do ponto de vista que é a faculdade da linguagem que “desempenha o principal papel na organização da língua enquanto sistema” (CLG, 2012, p. 44), temos que o sistema é constituído por elementos formais próprios, esses elementos são os signos linguísticos. Cada signo dentro do sistema é formado por “uma entidade psíquica de duas faces” (CLG, 2012, p. 106), essa combinação de duas faces é constituída por um significante e um significado, ou seja, a imagem acústica e o conceito. Como exemplificado no CLG (2012, p. 107), pensemos no sentido da palavra latina “arbor”, que designa o conceito de árvore. Esse conceito que se forma no nosso pensamento é o significado, enquanto a imagem acústica que designamos como “arbor” é o significante<sup>4</sup>. Encontramos muitas críticas a esses exemplos do CLG, como questões que contradizem e/ou não esclarecem as ideias saussurianas, mas de toda forma nunca se nega a importância da publicação.

Enquanto isso, Saussure analisa a fala como a parte individual da linguagem, e afirma que “é necessário colocarmo-nos diante do ato individual que permite reconstituir o circuito da fala” (CLG, 2012, p.43). Nesse caso, o ato individual deve supor dois indivíduos para que o circuito seja completo. Na conversa estabelecida entre os dois indivíduos, o princípio do circuito se dá quando um dos indivíduos fala (*A*), ou seja, quando “os conceitos se acham associados às representações dos signos linguísticos ou das imagens acústicas que servem para exprimi-los” (CLG, 2012, p. 43). Em contrapartida, o outro indivíduo (*B*) recebe a informação do indivíduo *A* através da associação do pensamento da imagem acústica

---

<sup>4</sup> Simon Bouquet apresenta uma crítica ao CLG, principalmente a seus editores, mas, apesar disso, admite a importância dessa obra. Isso se comprova ao ler o que Bouquet (1997, p. 13) comenta: “Que Bally e Sechehaye realizaram uma síntese magistral da reflexão saussuriana é um fato comprovado pelo sucesso alcançado por sua obra. Mas essa obra oferece, por outro lado, um reflexo deformado do pensamento que pretende divulgar, falseando, sob dois importantes aspectos, as notas do curso e os manuscritos de Saussure em que se apóia”.

(significante) com do conceito (significado) correspondente. Numa conversa, ou seja, no circuito da fala, essa atividade acontece sucessivamente.

A fala é, então, “um ato individual de vontade e inteligência” (CLG, 2012, p. 45), tendo em vista, de acordo com o CLG, “as combinações pelas quais o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal e o mecanismo psicofísico que lhe permite exteriorizar essas combinações”. Pode-se dizer que, a fala é o instrumento que o ser humano utiliza capaz de colocar a língua em funcionamento através dos circuitos gerados a partir dos indivíduos, cada um consegue realizar atos de fala, mas esses só são possíveis por meio da língua, que pertence ao coletivo de determinada comunidade.

No CLG (2012), Saussure explica que a língua se localiza nos circuitos de fala, no momento em que uma imagem acústica concebida por um dos falantes se associa a um conceito e, assim, o indivíduo ao compreender os signos vocais que ouve e ao entender o funcionamento da língua consegue conservá-la. Os estudos relativos à fala, como o que se refere à fonação, só possuem lugar na linguística pela relação que estabelece com a língua.

Saussure - no CLG, revela que enquanto a linguagem é heterogênea, a língua se demonstra homogênea, pois “constitui-se num sistema de signos em que, de essencial só existe a união de sentido e da imagem acústica, e em que as duas partes do signo são igualmente psíquicas” (CLG, 2012, p.46) . Desse modo, os estudos da linguagem comportam duas partes distintas que se relacionam, sendo uma a língua, que é essencial, social e independente do indivíduo, e a outra é a fala, que é acessória e parte individual desta linguagem. Ambas se implicam mutuamente, já que, segundo o CLG (2012) a língua é necessária para que a fala seja inteligível e produza seus efeitos, enquanto a fala é necessária para que a língua se estabeleça. Existe aí, então, uma interdependência entre a língua e a fala.

No conjunto da linguagem, de acordo com o *Curso de Linguística Geral* (2012), todos os elementos subordinam-se à língua. Por isso, a língua possui seu lugar bem definido nos estudos da linguagem, sendo considerada por Saussure o objeto desta ciência que, logo, seria reconhecida como a Ciência Linguística.

A produção teórica de Ferdinand de Saussure permitiu novas reflexões e pontos de vista, que, segundo Eliane Silveira (2014) “propagados por Saussure, deram lugar a uma atividade intensa, dedicada e apaixonada em direção de uma elaboração que marcou o século XX”. Por isso, Saussure serve como luz guia a muitos, senão todos, os estudos linguísticos que vêm sendo realizados desde seu reconhecimento, bem como inspirou os estudos de Émile Benveniste, linguista que se baseou em fundamentos saussurianos para ir ainda mais além.

### 3 ÉMILE BENVENISTE: O TEÓRICO DA ULTRAPASSAGEM

O linguista francês, Émile Benveniste, é considerado um marco na história da Ciência Linguística, principalmente no que diz respeito à amplitude de suas obras e sua perspectiva sobre o funcionamento da linguagem. Ao longo de sua vida, dedicou-se a estudar e desmembrar a linguística, gerando pensamentos muito singulares provenientes de seus estudos e dos pensamentos teóricos que envolviam a linguística de sua época. Foi considerado o linguista da enunciação por ter elaborado uma teoria acerca dos estudos enunciativos que, se convencionou chamar de Teoria da Enunciação e, mesmo com este reconhecimento significativo, sua obra não se reduz somente à temática enunciativa, pois segundo o estudioso fiel às reflexões benvenistianas, Flores (2013, p. 22),

sua obra [de Benveniste] contempla uma infinidade de temas que vão desde o estudo de aspectos da linguística geral, fenômenos diacrônicos, sintáticos, lexicais, culturais, até temas que testemunham uma verdadeira interação com áreas conexas aos estudos da linguagem.

A linguística de Benveniste se destaca com suas reflexões acerca da linguagem, da língua e como essas noções são temas que permeiam a natureza humana. As suas obras *Problemas de Linguística Geral I e II* (PLG I e PLG II) reúnem textos consideráveis na concepção da perspectiva linguística que ele desenvolveu ao longo de seus estudos. Alguns desses textos serão essenciais para formular a pesquisa em questão, sendo eles Prefácio, Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística, Saussure após meio século e Da subjetividade da linguagem do PLG I, e somente o texto O aparelho formal da enunciação do PLG II.

Benveniste, então, reflete sobre a linguística de seu tempo e propõe em suas pesquisas um viés acerca dos estudos da linguagem, já que, segundo o PLG I (1991) para fazer linguística cabe estudar as teorias de possíveis combinações entre os elementos estruturais e os conjuntos formados por tais elementos seguindo leis universais. Nesta condição, ele aponta a necessidade de determinar a posição do objeto e a natureza do método para estudar linguística e, que segundo ele, que se considere uma “ciência das relações e das deduções, reencontrando a unidade do plano dentro da infinita diversidade dos fenômenos linguísticos” (PLG I, 1991, p. 18). Ou seja, os estudos linguísticos não devem ser focados em fatos empíricos, mas sim nas possíveis relações dentro dos diversos fenômenos linguísticos permitindo estudos derivados no campo da linguagem.

Na linguística do século XX, os linguistas se ocupam da língua como único objeto da teoria das línguas. Entretanto, na época, Benveniste convida a observar o fato de que, na

verdade, a linguística possui duplo objeto de estudo, sendo estes a ciência da linguagem e a ciência da língua, considerando que mesmo que distintas estabelecem uma relação. Ele considera, segundo o PLG I (1991, p. 20) que “a linguagem, faculdade humana característica universal e imutável do homem não é a mesma coisa que as línguas, sempre particulares e variáveis nas quais se realiza”. Por isso, a necessidade de afirmar que as noções se diferenciam e, com isso, pode-se dizer que todo e qualquer problema das línguas, de modo geral, coloca em questão a linguagem.

Benveniste assume a ideia do conceito de língua fundamentado no conceito saussuriano, ele concorda que, a Língua forma um sistema e “compõe-se de elementos formais articulados em combinações variáveis, segundo certos princípios de *estrutura*” (PLG I, 1991, p.22). E, essa estrutura do sistema linguístico comporta combinar esses elementos, de modo que cada elemento se forme a segundo essas combinações. Conforme o PLG I (1991), os elementos deste sistema não valem por si mesmos, somente se deixam determinar no interior do sistema que coloca as entidades linguísticas organizadamente uma em razão das outras. Partindo dele, então a ideia de uma teoria que retoma a língua como um sistema signos e, também, a considera como uma organização de unidades que combinam de forma hierárquica.

Nessa teoria sobre a língua, Benveniste reassume o conceito de Saussure sobre os elementos que compõem o sistema. Tais elementos são os signos linguísticos, unidades formadas pela combinação de um significado (conceito) e um significante (imagem acústica). Em seus estudos, Benveniste (1991) afirma que cada signo linguístico é repleto de sentido quando combinado entre outros signos de forma hierárquica dentro do sistema, pois ele considera que, a relação entre o significante e o significado é necessária para a existência do signo linguístico e da própria língua, implicando o fato de que, também, é necessária para que o locutor consiga reconhecer essa relação como o signo. Assim, ele sintetiza que, “Trata-se, aqui, não mais do signo isolado mas da língua como sistema de signos [...]. Quem diz sistema diz a organização e adequação das partes numa estrutura que transcende e explica seus elementos.” (PLG I, 1991, p. 59), então não há razões para considerar o signo isolado do sistema.

Além de refletir sobre a forma linguística da língua, Benveniste torna à reflexão acerca da função da linguagem e o vínculo desta com a realidade. A linguagem, em Benveniste, é a faculdade de simbolizar, que é “a faculdade de representar o real por um signo e por compreender o signo como representante do real” (PLG I, 1991, p. 27). Dito isso, o homem é o único capaz de inventar e compreender os símbolos desta faculdade, pois, o sentido do



símbolo requer interpretação. Esta capacidade do reconhecimento simbólico é a diferença que separa o homem do animal<sup>5</sup>. Benveniste (1991) afirma, que “a faculdade simbólica no homem atinge a sua realização suprema na linguagem, que é a expressão simbólica por excelência”, por isso, todo e qualquer outro sistema de comunicação humano deriva e supõe a linguagem que, instintivamente, implica a realidade.

Segundo o PLG I (1991, p. 26), “a realidade é produzida por intermédio da linguagem” e quem representa essa realidade é o locutor, pois “aquele que fala faz renascer pelo seu discurso o acontecimento e a sua experiência do acontecimento”, enquanto, “aquele que o ouve apreende primeiro o discurso e através desse discurso, o acontecimento reproduzido”. Assim, o exercício da linguagem acontece através do ato de discurso que é a troca e o diálogo entre o locutor e o ouvinte. Este ato de discurso confere dupla função, sendo o locutor quem representa a realidade e o ouvinte quem recria a realidade, fazendo “da linguagem o próprio instrumento da comunicação intersubjetiva<sup>6</sup>” (PLG I, 1991, p. 26).

Benveniste, então, prevê o indivíduo e a sociedade como complementares, pois “cada locutor não pode propor-se como sujeito sem implicar o outro, o parceiro que, dotado da mesma língua, tem em comum o mesmo repertório de formas, a mesma sintaxe de enunciação e igual maneira de organizar o conteúdo” (PLG I, 1991, p. 27). Deste modo, a intersubjetividade está na virtude da polaridade entre EU/TU, já que, é dentro e pela língua que o indivíduo e a sociedade se determinam mutuamente.

A linguagem em si, segundo o PLG I (1991, p. 30), tem duas faces, sendo uma “um fato físico que utiliza a mediação do aparelho vocal para produzir-se e do aparelho auditivo para ser percebida, enquanto, a outra face é uma estrutura simbólica de comunicação de significados, substituindo os acontecimentos ou as experiências pela sua ‘evocação’”. Ela

---

<sup>5</sup> Benveniste (1991, p. 28), elabora um exemplo crucial para a compreensão e distinção do sistema de comunicação dos animais e da linguagem, faculdade inata aos humanos. Para a formulação de tal exemplo, Benveniste utiliza de um estudo feito por K. von Frish a respeito das abelhas. Explica que, “quando uma abelha batedora descobre durante seu voo solitário uma fonte de alimento, volta à colmeia para anunciar o seu achado dançando sobre os alvéolos uma dança especial, vibrante, e descrevendo certas figuras que foi possível analisar”, esse sinal, produzido pela abelha, indica às outras a distância e local do alimento. Para Benveniste, este exemplo sugere que as abelhas se comunicam por um mecanismo diferente do dos homens, sendo esta a diferença que separa o homem do animal e, para explicar essa diferença, ele propõe distinguir as noções de sinal e símbolo. Sinal “é um fato físico ligado a um outro fato físico por uma relação natural ou convencional” (relâmpago anunciando tempestade), o animal é capaz de reagir ao sinal e responder a ele, mas não é capaz de entendê-lo. E, segue explicando que, “o homem também, enquanto animal, reage a um sinal. Mas utiliza além disso o *símbolo* que é *instituído* pelo homem”, ou seja, o homem é o único capaz de fornecer sentido a um símbolo e ser capaz de interpretá-lo. Finaliza afirmando que “o homem inventa e compreende símbolos; o animal, não”.

<sup>6</sup> A comunicação intersubjetiva decorre da noção de **subjetividade**, que é como o ser humano, através da linguagem, é capaz de se constituir como sujeito. Assim, o homem é capaz de se assumir como locutor, como sujeito falante, que implica outro sujeito para que seja possível realizar o ato de discurso, através da relação de intersubjetividade.

“realiza-se numa determinada língua, própria de uma sociedade particular. [...] Relaciona no discurso palavras e conceitos, e produz assim, como representação de objetos e de situações, signos que são distintos dos seus referentes materiais”. A contar dessas reflexões, Benveniste (1991, p. 31) considera que, “a linguagem se realiza sempre dentro de uma língua, de uma estrutura linguística definida e particular, inseparável de uma sociedade definida e particular” e, por isso, à medida que o homem se torna capaz de realizar no discurso operações mais complexas, coloca em questão a cultura<sup>7</sup>.

São nestas considerações que, Benveniste, interliga os conceitos de linguagem, língua e fala, tendo em vista que, mesmo citada indiretamente, a fala está presente em ambas as faces da linguagem. A fala é compreendida, em uma das faces, como o “fato físico” que “utiliza a mediação do aparelho vocal para produzir-se” e do “aparelho auditivo para ser percebida”, enquanto na outra face é compreendida uma “evocação” das experiências ou acontecimentos que a linguagem torna capaz significar. Tais acontecimentos são possíveis em uma determinada língua, em que a linguagem se realiza, permitindo o homem produzir, através do discurso, a fala.

É a partir daí que, sucede a compreensão de que a fala é a forma fundamental de expressão da linguagem, tendo em vista o fato de que ela é a primeira forma de manifestação linguística do homem e a qual o homem mobiliza, em primeira instância, para significar o mundo ao seu redor e a si mesmo. Assim, Benveniste informa que,

Não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem. (PLG I, 1991, p. 285)

E, nesta associação do homem com a linguagem, temos, a noção de subjetividade atingida em seu ápice, pois, segundo o PLG I (1991, p. 286) “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de ‘ego’”. A subjetividade aqui referida é a capacidade do homem; do indivíduo que fala; do locutor de se propor como sujeito, “a unidade psíquica que transcende a totalidade das experiências vividas que reúne e que

---

<sup>7</sup> Segundo o PLG I (1991), a **cultura** é um fato inerente à sociedade dos homens, pois dá à vida e às atividades humanas forma, sentido e conteúdo. Ela define-se como um conjunto muito complexo de representações, organizadas por um código de relações e valores de uma sociedade. Pela língua, o homem assimila a cultura, a perpetua ou a transforma.

assegura a permanência da consciência”, encontrando o fundamento da subjetividade que se determina pelo nome de Pessoa e pelo exercício da língua.

Quando o sujeito se reconhece como pessoa, como locutor, retoma o conceito do ato de discurso de Benveniste, em que são nos atos discursivos que há a troca e o diálogo entre o locutor e o ouvinte. Nas relações intersubjetivas que o discurso torna a comunicação possível, devido ao fato de que “a consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste. Eu não emprego *eu* a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocação um *tu*”, isso acontece porque “a condição de diálogo é que é constitutiva da *pessoa*, pois implica reciprocidade” (PLG I, 1991, p. 286). Assim, essa polaridade de pessoas é fundamental na linguagem, cuja consequência é o processo de comunicação.

Benveniste (1991, p. 267), assegura que “é preciso entender discurso na sua mais ampla extensão: toda enunciação que suponha um locutor e um ouvinte e, no primeiro, a intenção de influenciar, de algum modo, o outro” (PLG I, 1991, p. 267). Diante disso, considerar o discurso como toda manifestação da enunciação que implica um locutor e um ouvinte quando se fala, coloca em questão a teoria que concebe a enunciação como uma instância de mediação entre a língua e a fala. No PLG II (1989, p. 82), Benveniste a define como “este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” e, ainda explica a condição específica da enunciação, que

é o ato mesmo de produzir um enunciado, e não o texto do enunciado, que é nosso objeto. Este ato é o fato do locutor que mobiliza a língua por sua conta. A relação do locutor com a língua determina os caracteres linguísticos da enunciação. Deve-se considerá-la com o fato do locutor, que toma a língua por instrumento, e nos caracteres linguísticos que marcam essa relação.

Ao referir-se à enunciação como o ato, possibilita compreender que, de acordo com Benveniste (1989), a língua, com base na enunciação “é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retorno”. Através da enunciação, o locutor é capaz de transformar a língua em discurso, processo que considera as formas e os sentidos, sendo a enunciação “a realização vocal da língua” (PLG II, p. 82).

Na enunciação, Benveniste (1989, p. 83) ensina que “consideraremos sucessivamente o próprio ato, as situações que ele se realiza, os instrumentos de sua realização”, ou seja, a partir do que o ato propõe, devemos olhar para a situação e para os recursos linguísticos utilizados, considerando que, para a realização do ato precisa-se de um locutor que assuma a língua e remeta a um outro, o alocutário. Assim, “o locutor se apropria do aparelho formal da

língua e enuncia sua posição de locutor por meio de índices específicos, de um lado, e por meio de procedimentos acessórios de outro” (PLG II, 1989, p. 84). Então, no ato são implicados locutor e alocutário, situação construída no discurso e os instrumentos necessários para realização, sendo eles específicos e acessórios (variam em cada análise linguística da enunciação).

Em situações enunciativas valida-se a relação de *pessoa* (Eu/Tu), *espaço* (aqui) e *tempo* (agora), sendo essas as categorias que compõem a instância da enunciação e, simultaneamente, são considerados os índices específicos da enunciação. Ou seja, a relação que se estabelece em situações enunciativas implica um certo locutor, que institui-se como “eu” num determinado espaço e num determinado tempo fornecidos pela linguagem e, ao tomar a palavra e dirigir-se a outra pessoa, instaurada como um “tu”, provoca o conteúdo da enunciação. Enfatizando então, estas são as categorias linguísticas responsáveis pela passagem da língua para a fala e que constituem a noção completa do aparelho formal da enunciação, aparelho este que é considerado por Benveniste como universal, isto é, existe em todas as línguas e em todas as linguagens. Enfim, a passagem da língua para a fala acontece somente através de uma instância que permita isso e, essa instância é a enunciação, responsável por ser o ato de colocar a língua em funcionamento.

Em suma, para o entendimento da enunciação de Benveniste, cabe considerar a posição do homem no mundo, sendo ele o único ser vivo dotado da faculdade inata da linguagem, que se torna social ao se constituir como sujeito na sua relação com o outro, implicando a fala e, validando as situações enunciativas em que são essenciais as categorias de pessoa, espaço e tempo para que a manifestação do discurso ocorra. Tal consideração só é possível através da observação acerca da definição dos conceitos de linguagem, língua e fala fundamentados no contexto dos estudos da linguagem de Benveniste, que propõe uma perspectiva enunciativa por meio de sua teoria.

Émile Benveniste, como já dito, produz um estudo significativo para a constituição da história da ciência linguística. Com seus estudos da linguagem é possível apoiarmos em fundamentos necessários para a compreensão desta pesquisa. Assim como afirma Flores (2013), “Benveniste é dono de um estilo inimitável, de uma erudição inigualável”, pois, ele coloca no centro de suas ideias “elementos que singularizam a experiência humana”. E, é através de seus avanços nos estudos linguísticos que se torna possível a instituição de um diálogo devidamente necessário entre a linguística benvenistiana e a linguística saussuriana que definem a língua, a linguagem e a fala.

#### 4 SAUSSURE E BENVENISTE: UM DIÁLOGO NECESSÁRIO

Ao considerar as reflexões anteriores e a fim de trazer um diálogo necessário entre Ferdinand de Saussure e Émile Benveniste, que propuseram avanços significativos acerca da Ciência Linguística, a pesquisa bibliográfica, de caráter exploratório e abordagem qualitativa segue para a análise das relações de proximidade e de afastamento entre os pontos de vista de cada linguista acerca dos conceitos de Língua, Linguagem e Fala.

Saussure, o linguista responsável por delimitar a linguística de seu tempo e, também, por distingui-la das outras ciências, foi muito influente para os estudos linguísticos que Benveniste realizou alguns anos mais tarde. Por influência, nos referimos às análises fundamentadas e aprimoradas segundo o pensamento saussuriano que Benveniste retomou ao longo de seus estudos. Segundo Flores (2013, p. 50), “Benveniste toma Saussure como ponto de partida, mas não se encerra nele. Benveniste mantém, altera e mesmo nega Saussure para construir sua visão da linguagem”, proporcionando um encontro de ideias necessárias para a constituição dos estudos linguísticos.

Ao longo desta pesquisa, provamos alguns pontos importantes para a definição dos conceitos de língua, linguagem e fala, nos quais Benveniste mantém e se fundamenta nas noções saussurianas para compor e aprofundar os seus próprios estudos. Algumas ideias, em contrapartida, partem mas se diferenciam do ponto de vista de Saussure, para que Benveniste conseguisse criar um pensamento inovador acerca de noções valiosas para a linguística do século XX. De antemão, Saussure sugere considerar e definir um objeto de estudo para a linguística, ele explica porquê a linguagem não pode ser considerada o objeto de estudo da linguística, pois, conforme o CLG (2012) ela é muito heterogênea e, que é, ao mesmo tempo, física, fisiológica, psíquica, social e individual (língua e fala). Por isso, Saussure afirma que a linguística necessita de um objeto homogêneo capaz de instituir uma ciência, e denomina este a língua, que é um fenômeno da linguagem, dando resposta à natureza do seu objeto.

Em Saussure, o propósito é tomar a língua por si mesma, como “norma de todas as outras manifestações da linguagem” (CLG, 2012, p. 41), abrangendo a possibilidade de definição e classificação entre os fatos da linguagem. Saussure considera a língua como um sistema de signos linguísticos, que se constitui em sua relação e organização seguindo princípios estruturais. Ele coloca a língua nos fatos da linguagem considerando o circuito de fala, no qual, a língua, se realiza enquanto sistema, supondo o fato social pelo fato individual, que é a fala. Entretanto, ele não explica qual é o processo que passa da língua para a fala.

Já Émile Benveniste, considera em primeiro lugar a linguagem e, como já dito anteriormente, considera a linguagem uma característica “imutável do homem” (PLG I, 1991, p. 20), justificando que “não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a” (p. 285). Para ele, a linguagem é tão importante que é através dela que o homem é capaz de se mostrar como sujeito, seguindo o princípio da subjetividade<sup>8</sup>.

Todavia, Benveniste prossegue seus estudos assumindo o conceito de língua saussuriano, segundo a ideia de que a língua se constitui como um sistema de signos linguísticos, assim, mesmo que fundamente-se no conceito de Saussure, não se limita a ele. Benveniste abandona a noção de que os elementos que compõem a língua “valem por si só e são fatos objetivos” (PLG I, 1991, p. 23), pois, para ele, esses elementos fazem sentido e se deixam determinar nas combinações seguindo princípios de estrutura. Permitindo um novo ponto de vista sobre a língua, o da significação, no qual a língua se dá somente pela instância do discurso. Tal diferenciação é determinante para a linguística que Benveniste construiu, em particular ao considerar a língua e a significação estimulantes ao designar a sua teoria da enunciação.

Por meio da enunciação, Benveniste promove uma nova área de estudos na linguística, na qual, ele constitui o homem como *sujeito*, que se propõe como *eu* e ao realizar os atos de fala, se refere a um *tu*, que juntos formam a polaridade de pessoa que compõe a enunciação na instância do discurso. Através da enunciação, Benveniste (1989) explica a passagem da língua para a fala, momento em que o locutor (*eu*) é capaz de transformar a língua em discurso ao referir-se a alocutário (*tu*) por meio do discurso. Isso, então, permite entender a enunciação como uma instância de mediação entre a língua e a fala.

A relação de pessoa que se estabelece na enunciação é possível pela relação do homem com sua característica imutável que o permite definir-se como sujeito, sendo esta a linguagem. Benveniste formula a ideia do *homem na língua* por meio da enunciação, segundo Flores (2013, p. 76) “o homem na língua é exatamente a expressão da síntese feliz da constituição saussuriana de Benveniste” e explica que “o *homem* - metáfora antropológica utilizada por Benveniste para falar de locutor - *está na língua* - no sistema pensado por Saussure”. Assim, retoma a ideia de Saussure de que o homem é o sujeito falante e combina com a noção de Benveniste de que o homem constitui a língua, o sistema.

---

<sup>8</sup> Retomando, segundo o PLG I (1991, p. 286) “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de ‘ego’”. Assim, a linguagem só se torna possível porque “cada locutor se apresenta como *sujeito*, remetendo a si mesmo como *eu* no seu discurso”.

Como uma explicação de aproximação, Flores (2013) afirma que Benveniste encontra no interior do conceito de sistema de Saussure sua perspectiva de enunciação, e sintetiza que “o locutor se apropria do *aparelho formal da língua* - algo muito próximo do que seria a língua para Saussure - e enuncia sua posição por meio de *índices específicos e procedimentos acessórios*”<sup>9</sup>. Isto é, o locutor se apropria da língua na enunciação, a qual comporta uma estrutura e um aparelho formal, que necessita dos instrumentos necessários para sua realização. Sendo essa, uma exemplificação da noção saussuriana de língua como sistema, instaurada no avanço da enunciação benvenistiana, que considera o sujeito como parte integrante da estrutura da língua.

Existe, nestas considerações acerca dos pontos de vista dos linguistas, um princípio de continuidade, principalmente, no que diz respeito aos fundamentos de Ferdinand de Saussure que foram mantidos ou tomados como base por Benveniste acerca de sua linguística da enunciação. Segundo Claudine Normand (2006, p. 14),

Saussure deu os princípios, os temas e o método; Benveniste os aplicou em análises concretas que transformaram radicalmente (ou simplesmente enriqueceram) as descrições comparatistas. Por isso, Benveniste é o mais saussuriano dos linguistas, uma vez que permitiu resgatar a partir de Saussure uma linguística da significação.

Em vista disso, torna-se notória a importância de estudar e entender Saussure para então estudar a linguística de Benveniste. Este argumento evidencia-se segundo a proposta deste trabalho, entender e analisar como se caracterizam as noções de língua, linguagem e fala tendo como referência a enunciação e sua influência nos estudos do discurso, que se só são possíveis pois o ponto de partida da pesquisa se estabeleceu nas reflexões saussurianas para então partir para a perspectiva de benvenistiana.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As relações estabelecidas entre as perspectivas dos linguistas, Ferdinand de Saussure e Émile Benveniste, possibilitam o aprofundamento dos estudos linguísticos partindo da compreensão e análise dos conceitos fundamentais de Língua, Linguagem e Fala. Ao longo desta pesquisa, foi possível entender como cada conceito se estabeleceu apoiado nos pontos

---

<sup>9</sup> Os índices específicos, como explicado anteriormente, são as categorias de pessoa (*eu/tu*), espaço (*aqui*) e tempo (*agora*). Enquanto os procedimentos específicos são as especificidades que cada situação enunciativa evoca.

de vista de cada autor, proporcionando um reconhecimento evidente acerca da importância desses conceitos da constituição da Linguística, hoje reconhecida como uma Ciência.

Direcionando a pesquisa para uma abordagem qualitativa, o referencial teórico concentrou-se nas contribuições de Ferdinand de Saussure presentes no Curso de Linguística Geral para nortear a definição dos conceitos estudados. Desde a noção de língua como único objeto da linguística até a relação que os outros conceitos estabelecem quando se estuda a língua. Relação essa que, em síntese das contribuições de Saussure, mostra que a língua permite o exercício da linguagem nos indivíduos e se estabelece através da fala. Este enfoque proporcionou uma base sólida para consolidar a investigação exploratória que influenciou os estudos linguísticos de Benveniste.

Ao adotar a perspectiva fundamentada na visão de Émile Benveniste, foi possível explorar a problemática intrínseca à caracterização de Língua, Linguagem e Fala, tendo como ponto de referência a enunciação e sua influência nos estudos do discurso. Partindo das definições saussurianas, os conceitos procedentes do ponto de vista de Benveniste se estabelecem nos seus estudos da linguagem, que considera a linguagem como todo processo humano de significação, contendo suma importância para a língua acontecer. Ou seja, é pela linguagem que a língua e fala são possíveis, manifestando a diferença entre as percepções de cada autor e a influência que cada perspectiva suscita nos estudos linguísticos.

O foco na definição desses conceitos pelos autores mencionados permitiu-nos adotar uma posição reflexiva sobre a importância dos estudos na análise da língua em funcionamento. Cada ponto de vista acerca dos conceitos de língua, linguagem e fala concede um entendimento singular considerando os estudos da linguística, mais especificamente o que desencadeia nos estudos enunciativos promovidos por Benveniste. Pois, é a partir da enunciação que se torna possível compreender a influência do discurso na relação entre os conceitos.

Em síntese, ao percorrer as reflexões desses renomados linguistas, esta pesquisa proporcionou uma análise valiosa sobre as relações e distinções entre Língua, Linguagem e Fala, destacando a relevância de considerar o discurso nos estudos enunciativos. Este trabalho não apenas contribui para o aprofundamento teórico no campo dos estudos linguísticos voltados para as perspectivas de Saussure e Benveniste, mas também dá ensejo e institui suporte para análises linguísticas mais abrangentes no futuro.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**



BATTISTI, Elisa, OTHERO, Gabriel, FLORES, Valdir do Nascimento. **Conceitos básicos de linguística: Sistemas conceituais**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2021.

BENVENISTE, Émile. Da subjetividade da linguagem. *In*: BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 1991a. p. 282-293.

BENVENISTE, Émile. Prefácio. *In*: BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 1991b.

BENVENISTE, Émile. Saussure após meio século. *In*: BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 1991c. p. 34-49.

BENVENISTE, Émile. Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística. *In*: BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 1991d. p. 19-33.

BENVENISTE, Émile. O aparelho formal da enunciação. *In*: BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral II**. 1. ed. Campinas, SP: Pontes, 1989. p. 81-92.

BOUQUET, Simon. **Introdução à leitura de Saussure**. Trad. Carlos A. L. Salum; Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 1997. p. 13.

FLORES, Valdir do Nascimento. **Introdução à teoria enunciativa de Benveniste**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2013.

FLORES, V. N., BARBISAN, L. B., FINATTO, M. J. B.; TEIXEIRA, M. **Dicionário de linguística da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2009.

FIORIN, José Luiz. A linguagem humana: do mito à ciência. *In*: FIORIN, José. Luiz. **Linguística? Que é isso?** 1. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 13-43.

NORMAND, Claudine. Saussure-Benveniste. **Letras**. Santa Maria. 33. ed. Dez. 2006. p. 13-21.

SAUSSURE, F. de. Linguística da língua e linguística da fala. *In*: SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. Organizado por Charles Bally & Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Trad. A. Chelini, J. P. Paes e I. Blikstein. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012 [1916]. p. 50-52.

SAUSSURE, F. de. Natureza do signo linguístico. *In*: SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. Organizado por Charles Bally & Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Trad. A. Chelini, J. P. Paes e I. Blikstein. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012 [1916]. p. 105-110.

SAUSSURE, F. de. Objeto da linguística. *In*: SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. Organizado por Charles Bally & Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Trad. A. Chelini, J. P. Paes e I. Blikstein. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012 [1916]. p. 39-49.

SILVEIRA, Eliane. O intervalo teórico de Saussure em fins do século XIX. **Matraga**. Rio

de Janeiro. 34. ed. Jan/Jun. 2014. p. 25-36.